

LUIZ DA CÂMARA CASCUDO, HISTORIADOR E FOLCLORISTA NO SEU CENTENÁRIO*

Odilon Nogueira de MATOS

Há algum tempo, numa das reuniões do nosso Clube dos 21 Irmãos-Amigos, tive oportunidade de falar sobre o Rio Grande do Norte. Dado o pouco tempo de que dispunha, pois fora colhido um tanto de surpresa e sem possibilidade de uma consulta a fontes que pudessem servir de embasamento ao que devesse falar, preferi, em vez de tratar do Estado, apresentar, em rápidos perfis, algumas personalidades expressivas da cultura brasileira nascidas no Rio Grande do Norte. Escolhi quatro que me pareceram dignos de figurarem na categoria que Emerson chamava de “homens representativos”: um sacerdote, político e jornalista, um historiador, uma líder feminista e, para encerrar, outro historiador, que também foi folclorista, etnógrafo, geógrafo, antropólogo, sociólogo, lingüista, crítico literário, jornalista, enfim um daqueles homens de quem seria mais fácil dizer o que não foi do que propriamente o que foi... Tendo razoável conhecimento da vida e da obra de todos eles, não tive nenhuma dificuldade para esboçar ligeiros perfis, suficientes para que o auditório pudesse aquilatar do mérito de cada um deles.

Uma circunstância especial me leva, nesta noite, atendendo ao convite de nosso preclaro presidente, a dar destaque ao último da galeria que apresentei no Clube dos 21 Irmãos-Amigos. Trata-se de Luiz da Câmara Cascudo e a razão para dele me ocupar mais demoradamente nesta sessão, é que neste ano transcorre o seu centenário, efeméride significativa da história literária do Brasil, sobre a qual, nossa Academia não poderia deixar de se manifestar, ainda que pela voz do menos credenciado de seus titulares.

(*) Trabalho lido na Academia Campinense de Letras, em sessão de 6 de julho de 1998.

Afora os tempos de estudante, em que residiu na Bahia, no Rio de Janeiro e no Recife, Câmara Cascudo viveu sempre em sua cidade natal, no caso a própria capital de seu Estado, onde nasceu a 30 de dezembro de 1898, aí mesmo tendo falecido a 30 de julho de 1986. Iniciou estudos médicos, porém não chegou a concluí-los; preferiu optar pelo curso jurídico, diplomando-se pela Faculdade do Recife, em 1928. Informa Enélio Petrovitch dele ter sido aluno na cadeira de Direito Internacional Público, na primeira turma da Faculdade de Direito de Natal. Poucas informações temos de suas atividades profissionais. É o caso de dizer-se que, em Câmara Cascudo o escritor eclipsou quaisquer outras atividades a que porventura se tivesse dedicado. É como escritor - dos maiores e dos melhores que temos tido - que nos habituamos a vê-lo, através de uma volumosa produção que alcançou quase meia centena de volumes, além do que deixou esparso em publicações periódicas culturais e na própria imprensa. Aliás, seu primeiro livro **Alma patricia**, de 1921, foi formado com artigos de crítica literária publicados originalmente em jornal de Natal.

É impressionante a versatilidade com que Câmara Cascudo aborda os temas de sua produção, toda ela testemunhando uma vivência quase excepcional de sua terra e de sua gente. Na impossibilidade de uma referência particularizada a tudo quanto escreveu a fim de melhor evocá-lo, limitar-me-ei aos livros que tive oportunidade de conhecer.

Estava a concluir o curso secundário no famoso Granbery, o tradicional colégio de Juiz de Fora, quando a Companhia Editora Nacional, de São Paulo, iniciou a publicação da série "Brasíliana", que, ao longo de mais de trinta anos tornou-se a mais vasta e variada coleção de livros sobre o Brasil, com mais de quatrocentos volumes. Apesar de simples ginasiano, mas já com algumas pretensões intelectuais, embora reconhecidamente modestas, tomei-me de interesse por essa coleção, adquirindo os volumes à medida que iam aparecendo na velha livraria Dias Cardoso, da rua Halfeld, da importante cidade mineira. Cheguei mesmo a possuir quase toda a coleção. Todavia, o que não poderia imaginar naquela altura dos meus dezessete anos, é que um dia, nem sei quantos anos depois, eu viria a escrever sobre a "Brasíliana", resenhando-a volume por volume, o que deu um volume de quase trezentas páginas, editado pela nossa PUC-Campinas.

Pois bem: um dos primeiros volumes dessa preciosa coleção continha uma biografia do Conde d'Eu, o genro de D. Pedro II. Assinava-a um certo Luiz da Câmara Cascudo, nome que nada me dizia. Não havia, na época, nenhum dicionário bibliográfico que pudesse me informar alguma coisa sobre o autor; e as antologias ou a única enciclopédia então existente, a famosa Jackson, só cuidavam de autores já falecidos.

Por uma curiosa coincidência, um amigo de minha família, visitando-nos, viu sobre a mesa da sala o exemplar de "O Conde d'Eu", que eu mal acabara de ler. E com surpresa para mim, contou-me que conhecera Luiz da Câmara Cascudo, de quem fora colega na Faculdade de Medicina, não me lembro se no Rio ou na Bahia. E pôs-se a falar dele com muito carinho. Só então fiquei sabendo que ele era do Rio Grande do Norte. O "Conde d'Eu", longe do que eu imaginei, não era o seu livro de estréia, embora fosse o primeiro a ser publicado por uma grande editora, e fora do Nordeste. O que não me impediu de considerá-lo modesto, nem de longe fazendo pressupor o vulto que o autor tomaria, com o tempo, na bibliografia brasileira. O pequeno livro contribuiu, contudo, para tornar mais conhecida a contraditória figura do genro do Imperador, comandante-em-chefe dos exércitos aliados na última fase da guerra contra o ditador do Paraguai. Perdeu muito de seu interesse com o aparecimento dois ou três anos depois, do livro de Alberto Rangel, mais erudito e mais informativo, especialmente pela utilização da vasta documentação então existente no Castelo d'Eu, na França, e atualmente no Museu Imperial de Petrópolis.

Como já dei a entender, o folclore e a história ocupam lugar preponderante em sua produção. A própria coleção "Brasiliana", que publicou em 1933 a biografia do Conde d'Eu, brindou-nos com mais dois títulos de sua autoria: uma biografia do Marquês de Olinda, volume 107, de 1938, e a **História da Alimentação no Brasil**, volume 323, de 1967, em dois volumes. O primeiro consiste no melhor estudo existente sobre Pedro de Araújo Lima, Marquês de Olinda, figura de primeira plana na vida política imperial, ministro de Estado várias vezes e Regente do Império em substituição a Feijó, nos últimos anos do conturbado período que antecedeu à maioria de D. Pedro II. Figura de tanta participação na vida brasileira durante meio século (pois sua atuação começou ainda como deputado às cortes de Lisboa), como o foi

o grande estadista pernambucano, um livro que o biografasse não poderia deixar de ser uma valiosa contribuição à história política do período imperial. Foi o que fez Câmara Cascudo e o que observou o Conde de Afonso Celso no prefácio que para ele escreveu. Anote-se, como referência bibliográfica, que tendo sido apresentado originalmente a um Congresso de História promovido pelo Instituto Histórico Brasileiro, em 1931, esse trabalho encontra-se publicado também nos “Anais” do referido Congresso, vol. IV. Todavia, esse volume dos “Anais” só pôde ser publicado em 1945, quando a obra já havia sido divulgada, sete anos antes na edição da “Brasiliiana”.

Quanto ao outro livro mencionado, constitui ele um profundo estudo da alimentação, não apenas nos seus aspectos fisiológicos, mas também em suas conotações sociais, culturais e econômicas. O primeiro volume cuida do cardápio indígena, da dieta africana e da contribuição portuguesa, trazendo, em apêndice, notas sobre o cerimonial de refeição de D. João VI, sobre o mais antigo tratado de cozinha publicado em Portugal, o de Domingos Rodrigues, que data de 1680 e, ainda, o artigo de Fialho de Almeida intitulado “A cozinha portuguesa”. Ao segundo volume, dedicado à cozinha brasileira, o Autor preferiu intitular “Sociologia da Alimentação”, e no qual se encontra variadíssima gama de assuntos, desde os fundamentos da cozinha brasileira, e a conservação de alimentos, até superstições alimentares e o folclore da alimentação.

Como bom historiador nordestino, Câmara Cascudo não pôde deixar de pagar sua contribuição à historiografia do Brasil holandês. Disso resultou talvez seu melhor trabalho histórico, denominado **Geografia do Brasil holandês**, publicado pela Editora José Olympio em 1956, integrando a também preciosa e prestigiosa coleção “Documentos Brasileiros”, vol. 79. De duas partes compõe-se seu livro: a primeira, “Presença holandesa no Nordeste brasileiro”, com ênfase especial para o que ele denomina as “razões sociais” que o holandês encontrou no Brasil e, obviamente, sua reação diante delas; e uma segunda, exatamente a que dá título ao livro, na qual estuda particularmente cada uma das regiões ocupadas pelos invasores.

O folclore, já foi dito, está presente na maior parte de sua bibliografia. Neste setor pôs Câmara à prova sua capacidade de pesquisador. Não são livros apenas de gabinete, mas de plena vivência

nordestina, num exaustivo trabalho de campo, especialmente no que se refere ao pastoreio. Dele resultou, entre outros, seus livros **A vaquejada nordestina e sua origem e Tradições populares da pecuária nordestina**, (este, publicação oficial do Ministério da Agricultura), todo vazado numa forma típica do linguajar sertanejo e com toda a sua terminologia curiosa e devidamente explicada, apresentando os traços característicos da personalidade individual e social dos dois elementos inteiramente distintos do Nordeste: o homem do engenho e o da caatinga. Daí se poder dizer que se Jorge Amado é o autor ligado ao ciclo do cacau; se José Lins do Rego o é ao ciclo do engenho, Câmara Cascudo é o autor mais representativo do ciclo pastoril, que ele conheceu como poucos.

Prossigamos. Em **História dos nossos gestos**, de 1976, integrando a coleção “Memória Brasileira”, das Edições Melhoramentos, que, infelizmente não teve prosseguimento, faz Câmara Cascudo uma profunda pesquisa e análise da mímica no Brasil: “O gesto é anterior à palavra. Dedos e braços falaram milênios antes da voz. As áreas do entendimento mímico são infinitamente superiores às da comunicação verbal. A mímica não é complementar mas uma provocação ao exercício da oralidade. Sem gestos, a palavra é precária e pobre”. Descreve e interpreta o autor 333 gestos comuns que integram o dia-a-dia do brasileiro. Gestos de toda espécie: amistosos, inamistosos, violentos, pacíficos, insinuantes, ofensivos, festivos, eróticos e até obscenos são estudados nas suas origens, nas suas correlações, na sua permanência entre os mais variados agrupamentos humanos e eventualmente sua presença na literatura universal, antiga e moderna. Nele revela Câmara Cascudo sua excepcional cultura universal, principalmente histórica e literária. Livro único na literatura brasileira.

O mesmo se poderá dizer de **Coisas que o povo diz** (Editora Bloch), com reunião, explicação e histórico de “expressões de uso corrente, cujas origens, em geral, já se perderam na névoa do tempo, mas que continuam vivas na alma popular”.

Livro bastante representativo das curiosidades intelectuais de Câmara Cascudo é **Mouros, Franceses e Judeus** (Editora Letras e Artes, Rio, 1967), no qual o autor estuda essas três presenças no Brasil, sobretudo na literatura oral e nos costumes tradicionais. Na literatura

oral, a presença de elementos dos “Doze pares de França” e de temas do Miréio, o livro que Mistral publicou em 1859. É sabido que a iniciativa de Mistral no sentido de tornar o provençal língua oficial da parte meridional da França - a Provença ou o Languedoc - encontrou receptividade em numerosos intelectuais, principalmente entre os escritores da Europa e até... no Brasil. Em nosso país quem se interessou por esse provençalismo não foi nenhum poeta ou romancista, mas nosso próprio Imperador D. Pedro II, que procurou estudar o provençal chegando até a traduzir textos leigos e religiosos para essa língua. Já tive oportunidade de tratar demoradamente dessa vinculação de nosso Imperador com o chamado “félibrige” do sul da França, não vendo, pois, necessidade de voltar ao assunto. Prefiro notar que os escritos de Câmara Cascudo sobre o assunto revelam um notável conhecimento da cultura provençal, especialmente na análise que faz dos doze cantos do “Miréio”, mostrando a penetração de muitos de seus temas no populário brasileiro. Realmente, não deixa de ser curiosa a presença no sertão do Nordeste de temas característicos do sul da França e que na própria nação francesa eram ignorados. A propósito da obra de Mistral convém recordar que o compositor francês Charles Gounod nela se inspirou para uma de suas maiores óperas, “Mireille”, encenada pela primeira vez na Ópera de Paris, em 1864.

De uma de suas últimas obras - talvez mesmo a última - o **Dicionário do Folclore Brasileiro**, extenso, em dois volumes, editado pelo Instituto Nacional do Livro, disse alguém que ela seria suficiente para credenciar o nome de Luiz da Câmara Cascudo ao respeito, à admiração e ao reconhecimento de todos nós. Ainda que não tivesse escrito mais nada... Mas, felizmente escreveu. Seu **Dicionário** é realmente obra de referência no sentido mais amplo do termo, de consulta obrigatória para quem tiver qualquer interesse pelo assunto. E nele há um complexo científico de todas as áreas do conhecimento que podem interessar ao folclore: etnografia, história, geografia, antropologia, sociologia.

Limitei-me nesta ligeira apreciação, como disse de início, sobre a obra de Câmara Cascudo, ao que é de meu conhecimento. A muitas outras ainda não tive acesso, mas pelos seus títulos posso avaliar do interesse que apresentam: **Superstições e costumes, Vaqueiros e cantadores, Civilização e cultura, História do Rio Grande do Norte,**

Livro de velhas figuras... Encerrarei esta palestra com uma referência a duas obras que não são propriamente de Câmara Cascudo, mas por ele organizadas e publicadas: uma antologia e uma tradução.

A seleta, intitulada **Antologia do Folclore Brasileiro** (Martins Editora, São Paulo, 1956, data do prefácio, pois a conhecida editora tinha por hábito não datar seus livros...) apareceu como “primeiro volume”. Não tenho notícia da continuidade da obra. Porém, o que consta desse “primeiro volume” é assaz substancial para o pretendido no título. Nele, Câmara Cascudo arrola 55 autores (dos quais 37 estrangeiros) que escreveram sobre o Brasil, desde os jesuítas do século XVI até Sílvio Romero, no início deste século, e em cujas obras respigou páginas de interesse para a literatura folclórica do Brasil. Dedicou o livro “aos cantadores e violeiros, analfabetos e geniais, às velhas amas contadeiras de estórias maravilhosas, fontes perpétuas da literatura oral do Brasil”.

Uma releitura recente dessa antologia fez-me rever muita coisa que eu já havia escrito no livro que estou preparando sobre os viajantes estrangeiros que escreveram sobre o Brasil. O levantamento que Câmara Cascudo faz dos autores selecionados, acompanhado sempre de referências bibliográficas corretas algumas já desatualizadas, o que é natural dado o tempo decorrido de sua publicação) oferece material de pesquisa mesmo àqueles que não estejam diretamente interessados em folclore, mas interessam-se por vários outros aspectos culturais na vida brasileira.

Quanto à tradução, refere-se ela à obra de Henry Koster **Travels in Brazil**, publicada em Londres, em 1816. Koster veio para o Nordeste em 1809, por recomendação médica, devido a problemas de saúde e aí viveu até o seu falecimento, provavelmente em 1820. Tornou-se senhor de engenho em Pernambuco, onde angariou grande estima por parte da população, que até, de maneira carinhosa, abrigou o seu nome para “Henrique da Costa”. Os que têm algum contato com a literatura dos viajantes estrangeiros que escreveram sobre o Brasil sabem do valor da obra de Koster, que obteve repercussão lisonjeira com reedições e traduções para o francês e o alemão. Na opinião de Câmara Cascudo é o mais autorizado viajante estrangeiro de quantos andaram pelo Nordeste.

No entanto, a obra levou mais de cem anos para ser traduzida para o país de que ela trata, o que, aliás, não é caso raro na literatura dos

viajantes. Houve, no fim do século passado, uma tentativa pouco feliz de tradução do livro, por parte do Instituto Arqueológico Pernambucano, mas com duas inconveniências: a tradução não foi feita do original inglês, mas de uma tradução francesa; e não foi publicada em livro, mas em capítulos na revista do Instituto. E como nem sempre a publicação saía em todos os números e às vezes a própria revista atrasava sua edição, aconteceu que a tradução do livro (extenso de mais de quinhentas páginas...) levou trinta e cinco anos para ser completada. Tornou-se, assim, um empreendimento pouco prático, pois os que tomaram conhecimento dos últimos capítulos não conheceram os primeiros e os leitores destes, no mais das vezes, já não viviam mais quando saíram os últimos. Foi quando Câmara Cascudo decidiu-se a corrigir essa anomalia, realizando primorosa tradução diretamente do original inglês, publicada em 1942, integrando a já tantas vezes citada coleção "Brasiliana", vol. 221. Mereceu reedição em 1978 pelo Governo do Estado de Pernambuco.

Lembro-me de um amigo que há alguns anos viajou pelo Nordeste. Perguntado pelos monumentos históricos que havia visitado em sua excursão, respondeu que, no seu entender, o maior "monumento do Nordeste" era... Luiz da Câmara Cascudo, a quem tivera oportunidade de visitar em sua residência da avenida Junqueira Aires, em Natal. Para o seu "país", que era o Nordeste, viveu toda a sua profícua e abençoada existência. Por tudo o que dele sei, e de que dei ligeira amostra nesta palestra, embora, como disse, sem ter tido o prazer de conhecê-lo pessoalmente, não tenho dúvida em afirmá-lo como homem-símbolo de sua "pátria". Homem que, certamente Emerson incluiria sem pestanejar em sua galeria. Desses muitos homens-símbolos que até há pouco era (e alguns ainda o são) encontrados pelo Brasil: Gilberto Freyre, no Recife; José Américo de Almeida, na Paraíba; Jorge Amado, na Bahia; Erico Veríssimo em Porto Alegre; Cora Coralina, em Goiás velho... Figuras que podiam ser incluídas num roteiro turístico de suas cidades. Entre elas, Luís da Câmara Cascudo, que me aprouve evocar nesta noite a propósito de seu centenário.